

---

# *Mural da Lionesa: uma abordagem semiótica*

---

Ano letivo 2017/2018

Tradução Intersemiótica Francês-Português

Doutora Maria João Cameira

Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

Ana Rita Ramos Teixeira n.º 2140927

Catarina Sofia Tavares Ferreira n.º 2140245

Jéssica Marina Gaspar Janeiro n.º 2140404

Luciana Maria França Rocha n.º 2140507

Turma T11N

**19 de janeiro de 2018**

## Resumo

Este trabalho surgiu no âmbito da Unidade Curricular de Tradução Intersemiótica (francês-português). O seu principal objetivo é a análise intersemiótica de quatro *graffiti*<sup>1</sup> do *Mural da Lionesa* que convocam poemas de Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen e Vinicius de Moraes numa clara relação de intertextualidade. Situando-se na Rua da Lionesa, em Leça do Balio, os *graffiti* que o integram dialogam com textos das literaturas portuguesa e brasileira e com a história de Matosinhos, recriando, através de Cayo Carpo, a lenda das suas origens a partir da Roma antiga. As imagens estudadas contêm temáticas idênticas: “ser português”, a esperança, o mar e Matosinhos.

Palavras-chave: Tradução Intersemiótica, *Mural da Lionesa*, intertextualidade, *graffiti*, lenda de Cayo Carpo.

---

<sup>1</sup> De acordo com o Ciberdúvidas, em português, podemos usar grafito ou *graffito*, no singular, e grafitos ou *graffiti*, no plural. Optámos pela utilização das formas italianas *graffito* e *graffiti* por serem as mais usuais em língua portuguesa. Cf. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-graffiti/11701> (2003) [consultado em 17 de janeiro de 2018].

## Índice

Introdução .....	1
1. <i>Saudade</i> de Caos (Miguel Januário).....	3
2. <i>Cayo Carpo</i> de MAR (Gonçalo Mar) .....	7
3. <i>Retrato do pescador</i> de Nomen (Nuno Reis).....	10
4. <i>Lobo do Mar</i> de Draw (Frederico Soares Campos) .....	13
Conclusão .....	16
Bibliografia.....	17
Anexos .....	20

## Introdução

O vocábulo *graffito* (singular), do italiano *graffiti* (plural) é uma inscrição feita em superfície dura, constituída por um desenho, frase ou palavra normalmente efetuados com tinta de spray.<sup>2</sup> Esta prática já é conhecida desde a pré-história, sendo para muitos vandalismo e para outros uma Arte. Atualmente, o *graffito* é olhado de forma diferente pela população portuguesa, que, por muitos anos, o viu como um atentado ao património. Hoje em dia, esta manifestação artística está incluída no domínio da Arte Urbana ou *Street Art*. Alguns dos seus artistas, também conhecidos como *graffiters*, *street artists* ou *writers*<sup>3</sup> e outrora vistos como vândalos, são hoje reconhecidos, internacionalmente, pelo seu trabalho irreverente. Em Portugal, assistimos cada vez mais ao nascimento de projetos ligados ao *graffito*, destinados a apoiar a comunidade artística e a reinventar espaços “sem vida”. Foi neste âmbito que o Centro Empresarial da Lionesa e a Unicer se juntaram para dar origem ao maior projeto de *Street Art* do norte do país, em Leça do Balio, Matosinhos. A Lionesa pretendia incluir o mural no projeto de turismo industrial, passando a pertencer à rota turística do norte do país. Eduarda Pinto, diretora geral da Lionesa, afirmou que o propósito do centro era «dar cor a um enorme muro cinzento (...) torná-lo numa atração capaz de chamar gente que já procura este tipo de arte e, claro, movimento ao centro empresarial».<sup>4</sup>

A pintura do mural cobre uma superfície de 1400 m<sup>2</sup> e iniciou-se a 6 de março de 2014, tendo sido inaugurado a 11 de abril do mesmo ano. Esta iniciativa situa-se na Rua da Lionesa e teve como mecenas a Lionesa e a Unicer, sendo a artística plástica Catarina Machado a responsável pela dinâmica e organização da ação. A produção desta ficou a cargo do *writer* Miguel (RAM) que convidou dez artistas portugueses de renome internacional: Caos, Coletivo Distopia, Draw, Mr. Dheo, Third, Mar, Mário Belém, Nomen, RAM e Utopia. O mural foi dividido em dez partes que foram atribuídas a cada um dos artistas, tendo estes a liberdade para retratar a história de Matosinhos e a evolução

---

<sup>2</sup> Definição segundo o Dicionário Porto Editora. Cf. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/graf%C3%ADti> (2003-2018) [consultado em 16 de janeiro de 2018].

<sup>3</sup> Esta denominação encontra-se em diversos sítios da *internet*. Nomeadamente nos seguintes: <http://p3.publico.pt/cultura/exposicoes/11232/matosinhos-mar-mural-tres-tags-transformadas-em-arte-na-rua> (2014); <http://www.pportodosemuseus.pt/2014/12/22/mural-da-lionesa-a-nova-capela-sistina-maior-colectivo-de-street-artistswriters/> (2014) [consultado em 16 de janeiro de 2018].

<sup>4</sup> Esta afirmação é feita por Eduarda Pinto, em entrevista ao Dinheiro Vivo (jornal digital). Cf. <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/muro-da-unicerlionesa-entra-no-roiteiro-turistico-de-street-art/> (2014) [consultado em 16 de janeiro de 2018].

da Lionesa, bem como o processo de produção da cerveja Super Bock da fábrica da Unicer, localizada em frente da Lionesa.

Para o estudo semiótico que desenvolveremos, recorreremos aos seguintes *street artists*: Caos (Miguel Januário), MAR (Gonçalo Mar), Nomen (Nuno Reis) e Draw (Frederico Soares Campos). A nossa análise semiótica incidirá sobre os quatro *graffiti* destes artistas num diálogo possível com outros textos. Apesar de o *Mural da Lionesa* apresentar mais imagens, tivemos de delimitar o nosso *corpus* de estudo e, por isso, seleccionámos apenas os seguintes: *Saudade* de Caos, *Cayo Carpo* de MAR, *Retrato do pescador* de Nomen e *Lobo do Mar* de Draw.

## 1. Saudade de Caos (Miguel Januário)



Figura 1: *Saudade, Caos* (Miguel Januário), 2014.

Miguel Januário, também conhecido como Caos, nasceu no Porto em 1981. Estudou na Escola Artística de Soares dos Reis (Porto), onde frequentou o curso de Artes Gráficas e aí teve o primeiro contacto com o *graffito* e com a cultura urbana. No ano de 1999, ingressou no curso de Design de Comunicação, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e, a partir desta altura, começou a realizar alguns *graffiti* no espaço urbano, bem como trabalhos comissionados. Em 2005, quando estava a terminar o curso de Design, criou o seu projeto pessoal e artístico de intervenção nomeado  $\pm$ maismenos $\pm$ . Esta designação, o mais e o menos, significa e trata da representação da decadência dos sistemas económicos, do mercado especulativo e das consequências deste: os que possuem mais e os que possuem menos. Em 2009, foi viver para Lisboa e aí trabalhou em projetos artísticos e de comunicação. Nos dias de hoje, é uma referência em todo o mundo, participando em exposições, conferências e festivais em variados países.

Ao falar sobre o *Mural da Lionesa*, Caos afirmou, numa entrevista ao Porto Canal, ser este «um bocadinho a poesia da cidade, o interior e a alma da cidade (...) Matosinhos

está muito ligado ao mar ao horizonte, ao azul ao céu e também a sentimentos como a esperança e a saudade que estão ligados à pesca».<sup>5</sup> Os elementos mencionados por Caos, são detetados neste trabalho da sua autoria.

Assim, esta obra é denotativamente um *graffito*, do ano de 2014, realizado sobre muro de pedra com tinta de spray. A figura central, e a mais destacada deste texto, é o busto feminino de uma mulher com um rosto marcada pelas rugas. Esta, com os seus cabelos grisalhos ao vento, parece observar o mar enquanto espera pelo regresso do seu filho pescador, representado pelo rosto masculino. As vestes que ela enverga são pretas, simbolizando o seu sofrimento. Os olhares destas duas figuras de primeiro plano prendem-se um ao outro. Enquanto a mulher fita o horizonte à procura do filho, este encontra o olhar da sua mãe em pensamentos. Os olhos dele, preenchidos pelo vazio da tristeza e da aflição, parecem vagar por memórias maternas que o vento transporta. Podemos constatar isto em algumas frases gravadas no *graffito*: «a memória carrega-a o vento», «fiquei perdido no teu rosto/ele era o infinito», «lembro-me sempre de ti/estás aqui para/sempre...». Outras construções frásicas presentes na obra transcrevem os sentimentos vivenciados pelos protagonistas da pesca e pelas suas famílias: «saber que te sinto/porque tu és parte de mim», «sente/feroz/o medo», «pede-me socorro/e eu não vou/ouvir». Esta última frase apela à impotência e ao desespero experimentado pelos parentes dos pescadores. Esta pintura contém, igualmente, frases reveladoras de amor e de erotismo, como a seguinte: «desejo para ti voltar (...) para que esse amor mate a minha fome».

Neste *graffito*, identificamos várias casas e numa delas está inscrito «o mar somos nós». Esta citação demonstra de que forma as famílias dos pescadores se sentem como “ser do mar”, dele dependendo o seu sustento. Este sentimento de pertença, identificação e dependência do mar é igualmente visível na expressão: «fito o mar/o seu sustento é a esperança», pois o “alimento” da mãe e do pescador que fitam o mar é a esperança. É possível reconhecer a representação de uma fábrica e de algumas chaminés relacionadas com a indústria. Estes dois elementos evocam a fábrica de conservas para a qual, possivelmente, o pescador labora. A face deste encontra-se parcialmente escondida e “engolida” pela cidade, pelo mundo urbano e pelo trabalho. Veja-se como o barco e as frases que o rodeiam também sobressaem neste *graffito*. As palavras parecem retratar as

---

<sup>5</sup> Januário afirma isto em entrevista ao Porto Canal.

Cf. <http://guifoesinformativo.blogspot.pt/2014/03/novo-mural-da-lionesa.html> (2014) [consultado em 16 de janeiro de 2018].

ondas do mar onde o barco de pesca se afunda, o que indicia os naufrágios e todas as desgraças que acontecem no decorrer da atividade piscatória, sendo também uma metáfora dos perigos que os pescadores correm durante a sua vida. Deparamo-nos ainda com outra frase do pintor, registada no “quadro” de Caos, alusiva ao infortúnio a que os pescadores estão sujeitos: «porque o mar que nos mata a fome é o mesmo que nos traz a morte». De facto, é o mar que dá o sustento aos pescadores e famílias, porém, por vezes, tira-lhes a vida. De igual modo, o nome da embarcação, «saudade» é uma metáfora da mágoa e da nostalgia causadas pela distância dos que mais amam: «porque o/coração/leva-o/as ondas». Uma sombra disfórica e negra, com traços femininos junto do rosto do filho, expressa uma repetição da espera, com as mãos erguidas em direção ao céu como se rezasse pela volta de alguém.

No céu, observam-se três gaivotas a indiciar talvez uma tempestade. No entanto, é de notar a simbologia espiritual do número três que, para os cristãos, está relacionada com a unidade divina e com a Santíssima Trindade. Os profissionais da pesca e as pessoas próximas a estes têm, geralmente, um forte laço com a religião, sendo fundamental, neste texto, a compreensão da dicotomia entre a desgraça e a esperança, a luta e a resignação e a disforia e a euforia de base cristã.

Em todo o *graffito* há o predomínio de cores frias, mas principalmente do azul, o símbolo da esperança. Além do mais, é esta a cor escolhida para circundar todo o *graffito*. A mesma está ligada aos dois espaços mais se ligam ao pescador, isto é, o mar e o céu. O próprio texto verbal da obra menciona que: «o azul que veste o céu é o mesmo que pinta o mar». Portanto, neste *graffito*, temos a presença permanente da dor e da esperança. Esta última nunca se dilui, o que é transmitido nas expressões da mãe e do filho.

Assim, manifestação artística analisada é simultaneamente disfórica e eufórica na qual Caos não dissocia o signo pictórico do verbal criando deste modo uma grande complexidade e produtividade expressivas.

Há um diálogo entre o *graffito* de Caos e o seu poema *Saudade* publicado na *internet* na página sobre arquitetura portuguesa, onde surge o *Mural da Lionesa*:

O mar, o azul, o seu infinito expresso num olhar. A saudade,  
a esperança, o voltar inscrito num brilho da alma. O amor, a vontade  
e o acreditar cravados na malha urbana.

As cidades são construções do invisível humano, são o amontoar de  
sentimentos, de um pensar acumulado, de um devir comum. São o  
aglomerar de histórias, de felicidade e de tristeza.

São o que de mais poético há em nós, pois é nelas que encontramos

aquilo que já fomos, aquilo que somos e aquilo que seremos.<sup>6</sup>  
(Caos, s.d.)

Verificamos que os dois primeiros versos do poema caracterizam tudo o que exprime o «olhar» ou o «brilho da alma» da figura materna exibida no *graffito*, pois quando o autor diz «brilho da alma» refere-se ao olhar. As casas presentes nesta imagem mostram como «O amor, a vontade e o acreditar» estão «cravados na malha urbana». Caos, no seu texto pictórico e no poético, fala-nos que as cidades são uma metáfora que exprime «o amontoar de/sentimentos, de um pensar acumulado, de um devir comum». É nas cidades que muitos de nós “plantam” os seus sonhos e as suas vulgaridades humanas, expondo «o que de mais poético há em nós, pois é nelas que encontramos aquilo que já fomos, aquilo que somos e aquilo que seremos». Este poema de Caos é sobre Matosinhos, uma urbe que vivia e ainda vive muito da pesca e do que a mesma lhe providencia e por isso aqui se pode ler: «vive uma cidade da sua mensagem».

O poema *O mar dos meus olhos* da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen dialoga igualmente com esta obra: «Há mulheres que trazem o mar nos olhos/Não pela cor/Mas pela vastidão da alma».<sup>7</sup> Nesta composição, encontramos igualmente a preocupação e espera refletidas nos olhos da mãe, imensos e profundos como o mar.

Por último, sob o ponto de vista da análise semiótica, detetamos, nesta imagem, uma narrativa com final conjunto no que respeita à luta de toda uma população pelo seu trabalho no mar e na cidade, sendo o mural o elemento que fisicamente a suporta, concedendo-lhe competência. A performance realiza-se através desta luta diária na qual nem sempre o reconhecimento pelo sujeito é sancionado. Neste cenário aparentemente caótico de desenhos, cores e palavras, a figuração e o texto cruzam-se em diálogos cuja simbologia predominante é a da esperança, da saudade, do sofrimento e da luta quotidiana.

---

<sup>6</sup> Poema retirado de: <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/lionesa/> (2015) [consultado em 16 de janeiro de 2018].

<sup>7</sup> Versos retirados de: <http://aoutrametadedomundo.blogs.sapo.pt/888.html> (2013) [consultado em 16 de janeiro de 2018].

## 2. Cayo Carpo de MAR (Gonçalo Mar)



Figura 2: Cayo Carpo, MAR (Gonçalo Mar), 2014.

MAR<sup>8</sup> é pseudónimo de Gonçalo Mar que nasceu em Lisboa, em 1974, e, de acordo com a sua biografia, o seu lado artístico começou a despertar aos 12 anos.<sup>9</sup> Licenciou-se em Design de Moda pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e é ainda durante o seu percurso académico que realiza o seu primeiro contacto com a *Street Art*, em 1998, no estúdio de animação português conhecido como *MagicToons*. Nos seus trabalhos, MAR mistura elementos de banda desenhada com elementos da animação japonesa ou outros mais ligados à *Street Art*. Este artista português possui várias obras por todo o país, encontrando-se algumas dentro de restaurantes. Com uma larga experiência no mundo dos *graffiti*, participou, em 2014, na criação do *Mural da Lionesa*. Neste conjunto de obras de *Street Art*, MAR representou Cayo Carpo, soldado romano responsável pela origem do nome da cidade de Matosinhos.

---

<sup>8</sup> Repare-se que MAR surge sempre em maiúsculas, talvez por o seu autor se considerar ser duas vezes mar, isto é, no seu próprio apelido e no pseudónimo que escolheu.

<sup>9</sup> Cf. <http://goncalomar.com/stuff-about/bio/> (s.d.) [consultado em 16 de janeiro de 2018].

A lenda de Cayo Carpo remonta à altura em que o território de Matosinhos ainda não era cristão, por volta de 44 d.C. As festas do casamento deste senhor romano com Cláudia Lobo, gaiense, realizaram-se junto ao mar, na praia de Matosinhos. Reza a lenda que, enquanto passeava pela praia a cavalo, acompanhado por outros soldados romanos, Cayo Carpo avistou uma embarcação ao longe. O cavalo deste correu em direção à água e, sendo impossível controlá-lo, ambos mergulharam no mar. No fundo do oceano, Cayo Carpo entrou numa embarcação que transportava o corpo de Santiago da Palestina, onde fora martirizado, para a Galiza. Algumas vieiras agarraram-se às vestes do soldado romano, que conseguiu emergir ileso, para grande espanto da população que olhava à distância. Cayo Carpo, deslumbrado pelo cadáver do discípulo de Jesus Cristo, converteu-se ali mesmo ao Cristianismo, assim como todos os seus convidados. Por estar “matizado” de vieiras, Cayo Carpo ficou conhecido como o “Matizadinho” e a praia onde tudo isto sucedeu como “Praia do Matizadinho”, designação que, mais tarde, evoluiu para Matosinhos.<sup>10</sup> Para além de explicar a origem do nome de Matosinhos, esta lenda também esclarece a associação das vieiras à figura de Santiago de Compostela.

Tendo em conta esta ligação com a lenda na pintura de MAR, podemos concluir que a figura central desta é Cayo Carpo. De facto, no centro, podemos observar a cabeça de um homem, que olha de soslaio e que ostenta uma gálea, o capacete que era utilizado pelos soldados romanos. A cabeça de Cayo Carpo encontra-se dentro de uma embarcação, que apresenta, na popa, uma caixa de primeiros socorros e, na proa, a cabeça de um peixe. Este aparenta pertencer à espécie *Cyprinus carpio* (carpa-comum), símbolo de boa sorte, coragem e perseverança. De facto, durante as ocorrências da sua lenda, Cayo Carpo foi protegido pela sorte e demonstrou coragem. Para além disso, o nome deste peixe é a versão feminina do apelido do soldado romano, Carpo. A bombordo do já mencionado barco, podemos observar o nome do soldado romano, Cayo Carpo, como se do nome dessa embarcação se tratasse. Além do mais, encontra-se aí o que parece ser o Sol a nascer no oceano. Sendo o Sol um dos símbolos de Cristo e representando os seus raios os discípulos do profeta mencionado, este desenho pode ser uma referência ao momento em que o barco que transporta Santiago emerge das águas. Ainda a bombordo da embarcação, estão duas perfurações: de uma sai um membro inferior (encontrando-se o outro a estibordo) e da outra jorra água, que parece formar várias mãos. Estas mãos podem querer referir-se aos pescadores que são expulsos do barco durante um naufrágio. Os membros

---

<sup>10</sup> Cf. <http://portoponto.blogs.sapo.pt/11711.html> (2007) [consultado em 17 de janeiro de 2018].

inferiores, cortados em três partes, aludem à decapitação de Santiago. No tornozelo direito, é possível notar uma âncora ou uma cruz de escora, símbolo oculto da cruz na época das perseguições aos cristãos durante o Império Romano. Por baixo da embarcação, nadam alguns peixes cor-de-laranja e brancos, que apresentam fisionomias da face humana. Este animal aquático, na religião cristã, simboliza a vida e, em grego, *Ichthys* (peixe) é um acrónimo para “Iēsous Christos Theou Yios Sōtēr” (“Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”). Na altura em que se realizavam perseguições aos cristãos, era através deste código secreto que os primeiros seguidores de Jesus se reconheciam uns aos outros.<sup>11</sup> Por isso, estes peixes bicolores podem representar as pessoas que, tal como Cayo Carpo, se converteram ao cristianismo na Praia de Matosinhos. No fundo, vemos um círculo de cordas entrelaçadas, ou seja, redes de pescadores.

Numa perspetiva semiótica, podemos observar que, nesta representação, predomina a euforia, pois a pintura possui cores vivas e vibrantes, como o laranja, o azul e o rosa. Em relação à narrativa mínima, deu-se liquidação, ou seja, início disjunto e final conjunto, já que o objetivo do milagre foi cumprido: a conversão ao cristianismo de Cayo Carpo e dos seus convidados. Dentro das fases da narrativa complexa, é notável a manipulação do elemento divino, que chama o cavalo de Cayo Carpo para o mar, e também uma provocação aos outros, que ao testemunharem aquele milagre acabaram por se converter. Houve também performance, através da conversão dos indivíduos do paganismo para o cristianismo e sanção, quando Cayo Carpo reconheceu a ocorrência de um milagre, provando que se devia converter. Por fim, as vieiras e o milagre concedem competência, visto que deram origem à alcunha do soldado romano.

---

<sup>11</sup> Cf. <https://pt.aleteia.org/2017/03/27/simbolo-secreto-cristao-por-que-o-peixe/> (2017) [consultado em 22 de janeiro de 2018].

### 3. Retrato do pescador de Nomen (Nuno Reis)



Figura 3: Retrato do pescador, Nomen (Nuno Reis), 2014.

Sendo este *Mural da Lionesa* uma expressão de *Street Art*, que tem por base a história de Matosinhos e das pessoas daquele concelho, o mural *Retrato do Pescador* centra-se nos pescadores, nos peixes e nas viúvas que nunca mais viram voltar os seus familiares.

O seu autor é Nomen, pseudónimo de Nuno Reis, nascido em 1974 e natural de Angola. Importa referir que Nomen é um dos pioneiros do *graffito* em Portugal, tendo começado o seu trabalho de forma ilegal pintando paredes e comboios e passando mais tarde a ser contratado para desenvolver intervenções murais de grande escala em ambientes expositivos e institucionais. É reconhecido pela forma como equilibra as formas e as cores, bem como pelos seus retratos bem conseguidos a lembrar as fotografias.

No *graffito* acima representado, predominam cores quentes, como o laranja e o vermelho, mas nele também se observam algumas cores mais escuras. A forma como estas cores se encontram misturadas dá a sensação de calor, que pode ser entendida como uma esperança, mas, pelo contrário, a presença do preto transmite-nos a ideia de que algo está errado ou é desconhecido, contrastando com a esperança anteriormente referida.

A mesma ideia acaba por ser também transmitida pela imagem da pessoa retratada, pois vemos um homem com um olhar esperançoso, que brilha devido à vela no

barco, com a mão aproximar-se da mesma. Este gesto pode ser entendido de duas formas opostas: uma disfórica, na qual parece que vai apagá-la, levando-nos a pensar que a esperança que tinha naquele barco morreu e outra eufórica ao parecer que quer agarrar a vela, como se estivesse a agarrar-se à esperança daquele barco voltar.

Podemos também ver uma hiperbolização da mão retratada no “quadro”, ou seja, esta encontra-se aumentada em relação ao resto do corpo, o que pode ser interpretado pela grande vontade que a pessoa tem de sentir esperança e com ela tudo envolver.

A frase escrita no mural «São olhos que esperam o barco voltar e os olhos não jazem», mostra-nos também que aquela pessoa espera alguém que partiu para mar e tem aquela vela acesa porque acredita que esse alguém não morreu («olhos não jazem»), sendo um elemento eufórico forte, que reforça a esperança.

Esta esperança e a incógnita sobre aquela pessoa que partiu para o mar, remete-nos para o poema *A última nau* do poeta português Fernando Pessoa.

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago  
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro  
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou 'spaço,  
Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,  
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora  
Mistério.

Surges ao sol em mim, e a névoa finda:  
A mesma, e trazes o pendão ainda  
Do Império.

(Pessoa, 1934: 62)

Este poema retrata o mito sebastianista e, logo na primeira estrofe, vemos presente a ideia de uma partida condenada («Foi-se a última nau, ao sol aziago / Erma, e entre choros de ânsia e de pressago / Mistério»), mas, na segunda, o sujeito ainda se questiona sobre a sorte daquele barco, mostrando ainda um pouco de esperança no seu regresso («Voltará da sorte incerta / Que teve?»). A terceira e quarta estrofe referem o regresso pois, apesar de não se saber quando, acreditam que esta voltará («Vejo entre a cerração teu vulto baço / Que torna. / Não sei a hora, mas sei que há a hora»).

No poema, a pessoa que partiu é D. Sebastião, Rei de Portugal. Todos aguardavam o seu regresso numa embarcação e neste poema essa esperança nunca morre. Esta noção relaciona-se com o presente *graffito*, pois enquanto a vela estiver acesa ainda haverá esperança no regresso daqueles que partiram. Mesmo não sabendo o momento do seu regresso, a esperança mantém-se.

Sob o ponto de vista da semiótica, a esperança é o verdadeiro protagonista destas duas narrativas do *graffito* e do poema pessoano, a apontar para um final conjunto que o «*graffito*» e o poema pessoano sancionam, contrariamente aos acontecimentos que, embora permitam o regresso de muitos dos pescadores, não sancionaram a performance do regresso de D. Sebastião.

#### 4. *Lobo do Mar* de Draw (Frederico Soares Campos)



Figura 4. *Lobo do Mar*, Draw (Frederico Soares Campos), 2014.

Draw é o nome artístico de Frederico Soares Campos, arquiteto e artista urbano que possui duas obras no *Mural da Lionesa*, sendo uma delas intitulada *Lobo do Mar*, sobre a qual incide esta análise.

Frederico Soares Campos é mestre em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e é membro do Coletivo RUA, um coletivo de artistas multidisciplinares proveniente do Porto, cujo processo criativo se desenvolve através da pintura (*graffiti*), design gráfico, ilustração, fotografia, escultura e música.<sup>12</sup> A sua arte baseia-se em retratos em grande escala de pessoas anónimas, com um estilo único caracterizado pelo uso do preto e branco, assim como expressões faciais muito distintas. É o diretor artístico da PUTRICA (Propostas Urbanas Temporárias de Reabilitação e Intervenção Cultural e Artística), um projeto que usa a Arte Urbana para transformar os espaços, enriquecendo-os com valor artístico e cultural.

---

<sup>12</sup> Cf. [https://www.facebook.com/pg/coletivoruaband/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/coletivoruaband/about/?ref=page_internal) [consultado em 22 de janeiro de 2018.]

O *Lobo do Mar* representa um pescador que aparenta ter alguma idade devido às rugas marcadas no seu rosto e à barba com pelos grisalhos, estando vestido com as típicas vestes de um pescador (camisa axadrezada e barrete) e de um cachimbo, sendo estes os aspetos denotativos da obra. Ao nível conotativo, a sua expressão facial aparenta uma dicotomia: reflexão sobre o passado ou antecipação do futuro. Isto remete para a vida precária dos pescadores portugueses, cuja profissão perigosa sempre tomou vidas e nunca teve o merecido reconhecimento social. Os seus braços cruzados parecem traduzir desafio.

Ao fundo do *graffito* existe uma faixa na qual se lê «A mulher e o peixe no mar, são difíceis de apanhar». A frase parece possuir um tom jocoso ao comparar a mulher ao peixe no mar, mas, na realidade, remete para as dificuldades vividas pelos pescadores para realizarem o seu trabalho. O pescador tem a tarefa de trazer para casa o sustento da família que, muitas vezes, é pobre, lutando pela sua sobrevivência do dia-a-dia, pois sendo o peixe difícil de apanhar muitos dias de trabalho são por vezes em vão.

O estilo particular de Draw são as figuras humanas em grande escala, sempre com traços negros e com ênfase na sua expressão corporal, em especial no olhar. O *Lobo do Mar* não é exceção, com o olhar carregado e marcado com as memórias de quem já muito viveu.

Todo o *graffito* é a preto e branco, mostrando novamente uma dicotomia através da cor, onde o preto representa poder e seriedade, simbolizando a morte, o medo e o mistério; enquanto o branco representa luz e claridade, simbolizando a perfeição, a pureza, inocência ou paz. O simbolismo da cor preta é o mais significativo para esta obra, pois pode representar a morte dos pescadores nos mares e o medo do desconhecido e do mistério que as águas encobrem.

Segundo a conceção greimasiana de análise do nível profundo, em *Lobo do Mar*, detetamos elementos de contrariedade na figura do pescador, pois o pescador tem uma aparência muito dura, quase disfórica, mas a faixa no fundo da imagem transmite delicadeza.

Em relação ao nível narrativo, estamos perante uma narrativa mínima, onde existe uma dinâmica permanente de junção e disjunção relativamente ao pescador e aos infortúnios da sua vida que certamente foram muitos e diversos. Trata-se de um retrato de meio corpo no qual se destacam as feições duras em contraste com um olhar de esperança, transmitindo a força e determinação de alguém há muito familiarizado com as tarefas do mar. Este olhar é quase obsessivo, varrendo toda a imagem como uma grande

onda que apenas deixa a legenda com a alusão à mulher. Ainda que a narrativa mínima do pescador com o mar possa eventualmente terminar em disjunção, com a mulher certamente se encerrará de forma diferente, como a força determinada e confiante da sua expressão poderá levar a supor. Por outro lado, a sua indumentária contribui para lhe conferir a competência associada a um pescador experimentado, personagem familiar e modelo de muitos outros pescadores da costa marítima portuguesa.

Relativamente ao nível discursivo, o enunciado produz um sentido, causando um impacto no leitor. Esta obra não deixa indiferente nenhum português, pois a vida piscatória faz parte da história de Portugal. Por isso, todos conseguem reconhecer as dificuldades vividas por este *Lobo do Mar*, conseguindo lê-las no seu olhar.

É possível relacionar esta obra de Draw com o poema *Pescador*, do poeta brasileiro Vinicius de Moraes que faz alusão à dureza da faina piscatória («Ah, pescador, tu pescas a morte, pescador. / Mas toma cuidado que de tanto pescares a morte / Um dia a morte também te pesca, pescador!») (Moraes, 1946:15) e a pormenores da vida pessoal dos pescadores em geral, como podemos ler nos dois primeiros versos da última estrofe: «Por que vais sozinho, pescador, que fizeste do teu remorso / Não foste tu que navalhaste (...)?» (*ibidem*).

É evidente a referência aos perigos enfrentados pelos pescadores na sua luta diária, especialmente àqueles que morrem no mar. O poema também faz ligação com o *graffito* ao falar várias vezes na mulher. No *graffito*, a mulher está referenciada na faixa com a frase «A mulher e o peixe no mar, são difíceis de apanhar», enquanto o poema faz várias referências à mulher comparando-a com o mar e erotizando a figura feminina: «Não achas que a mulher parece com a água, pescador? / Que os peitos dela parecem ondas sem espuma? / Que o ventre parece a areia mole do fundo? / Que o sexo parece a concha marinha entreaberta pescador?» (*idem*: p. 16)

De facto, a mulher é a companheira do pescador, não só de vida, mas também de trabalho. É ela quem arranja e prepara o peixe para ser vendido, para além de cuidar da casa e dos filhos. No poema, a mulher é comparada com vários elementos marítimos, como se esta fosse o mar que traz a bonança e também a dor.

Por fim, podemos considerar que este poema dialoga com a expressão facial e o olhar do pescador de *Lobo do Mar*, que pode ser de reflexão sobre a vida passada ou de introspeção sobre o futuro, relembrando as duras memórias de uma vida no mar.

## Conclusão

Ao longo deste trabalho, analisámos quatro obras de artistas distintos, presentes em quatro *graffiti* do *Mural da Lionesa*, executados através de tinta de spray sobre muro de pedra. Apesar de diferentes, todas as obras têm algo em comum, nomeadamente a ligação ao “ser português”, ao mar, à esperança e ao concelho de Matosinhos.

A história de Matosinhos está muito ligada ao mar, tendo sido sempre conhecida por ser terra de pescadores. Ainda hoje, o grande Mercado Municipal de Matosinhos tem uma grande afluência, graças à tradição de assar o peixe na rua. Por isso, os artistas usam não poucas vezes esse tema como inspiração ainda que, para além dos pescadores e do mar, também recorram à vida fabril, também ligada ao português trabalhador.

Foi possível estabelecer uma ligação entre as quatro pinturas escolhidas e várias obras da literatura portuguesa e brasileira, nomeadamente os poemas: *Saudade* de Caos, *O mar dos meus olhos* de Sophia de Mello Breyner Andresen, *A última nau* de Fernando Pessoa e *Pescador* de Vinicius de Moraes. Também foi possível relacionar o *graffito* apresentado em segundo lugar com a lenda de Cayo Carpo.

Para além do mural exterior, existem também *graffiti* no interior do edifício da Lionesa.<sup>13</sup> No entanto, o tema dos *graffiti* interiores é muito diferente do mural, estando mais direcionado para a motivação empresarial. Podemos, então, encontrar pinturas de super-heróis, em tons de vermelho e azul e com mensagens como “Super-Assistente” ou “Super-Cliente”.

Tratando-se de um local de assistência ao cliente, as imagens pretendem retratar o trabalhador e o cliente, algo que também é visível nas mensagens escritas. A escolha dos super-heróis como símbolo pode aludir para a empresa como “heroína” da Economia moderna.

Em suma, este projeto que deu vida ao *Mural da Lionesa* mostra que a Arte Urbana é muito mais do que vandalismo ou simples *tags* numa parede, constituindo um verdadeiro movimento artístico repleto de sentimento e talento, com uma história para contar. A este respeito, Pablo Picasso, também ele pintor de murais, como o conhecido mural da *Guernica*, disse: «El propósito del arte es limpiar el polvo de la vida cotidiana de nuestras almas».<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Ver figuras 1 e 2 (anexos).

<sup>14</sup> Frase retirada de: <http://www.jmhdezhdez.com/2013/10/frases-picasso-phrases-citas-celebres.html> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

## Bibliografia

Floch, Jean-Marie (1990) *Sémiotique, Marketing et Communication. Sous les Lignes, les Stratégies*, Paris: PUF.

Greimas et Courtés (1979) *Sémiotique, Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*, Paris: Hachette.

Matos, Maria Vitalina Leal de (2017) *Introdução aos Estudos Literários*, Coimbra: Almedina.

Moraes, Vinicius de (1946). *Poemas, Sonetos e Baladas*. São Paulo: Edições Gavetas.

Pessoa, F. (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira.

## Webgrafia

Aleteia (2017). *Símbolo secreto cristão: por que o peixe?:* <https://pt.aleteia.org/2017/03/27/simbolo-secreto-cristao-por-que-o-peixe/> [consultado em 22 de janeiro de 2018].

A outra metade do mundo (2013). *Sophia "O mar dos meus olhos":* <http://aoutrametadedomundo.blogs.sapo.pt/888.html> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Câmara Municipal de Matosinhos (2016). *Lenda de Cayo Carpo:* <http://www.cm-matosinhos.pt/pages/945> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (2003). *Os graffiti = os grafitos:* <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-graffiti/11701> [consultado em 17 de janeiro de 2018].

Cryseia (s.d.). *A Lenda de Cayo Carpo:* <http://cryseia.com/wp/noticias-3/> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Dicionário de símbolos (2018). *Dicionário de símbolos:* <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/> [consultado em 17 de janeiro de 2018].

Dinheiro Vivo (2014). *Muro da Unicer/Lionesa entra no roteiro turístico de Street Art:* <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/muro-da-unicerlionesa-entra-no-roteiro-turistico-de-street-art/> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Draw, F. (2018). *Frederico Draw:* <http://www.fredericodraw.com/> [consultado em 17 de janeiro de 2018].

Granirecta (s.d.). *A Lenda de Cayo Carpo – Recriação História*: <http://www.granirecta.com/pt/articles/lenda-de-cayo-carpo> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Infopédia (2018). *Grafíti: Porto Editora*: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/graf%C3%ADti> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Guifões Informativo (2014). *Novo Mural da Lionesa*: <http://guifoesinformativo.blogspot.pt/2014/03/novo-mural-da-lionesa.html> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Jornal i (2015). *Português Gonçalo MAR inaugura exposição na Califórnia*: <https://ionline.sapo.pt/401339> [consultado em 19 de janeiro de 2018].

JPN (2017). *Matosinhos, terra de milagres e história*: <https://jpn.up.pt/2017/06/06/matosinhos-terra-milagres-historia/> [consultado em 17 de janeiro de 2018].

MAR (s.d.). *Bio*: <http://goncalomar.com/stuff-about/bio/> [consultado em 17 de janeiro de 2018].

NiT (2017). *Setúbal ganhou uma nova galeria de arte urbana*: <https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/setubal-galeria-arte-urbana> [consultado em 19 de janeiro de 2018].

Porto Ponto (2007). *A lenda de Matosinhos*: <http://portoponto.blogs.sapo.pt/11711.html> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

PPorto (2014). *MURAL DA LIONESA – A nova Capela Sistina. Maior colectivo de Street Artists/Writers*: <http://www.pportodosmuseus.pt/2014/12/22/mural-da-lionesa-a-nova-capela-sistina-maior-colectivo-de-street-artistswriters/> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

Público (2014). *Matosinhos, mar, mural: três tags transformadas em arte na rua*: <http://p3.publico.pt/cultura/exposicoes/11232/matosinhos-mar-mural-tres-tags-transformadas-em-arte-na-rua> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

### **Vídeos:**

YouTube (2016). *Análisis Semiótico de la Obra Plástica*: <https://www.youtube.com/watch?v=tT4JUKLYPP8> [consultado em 16 de janeiro de 2018].

**Imagens:**

Arquitetura Portuguesa (2015). *Lionesa, o maior mural de arte urbana no Norte do país*: <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/lionesa/> [consultado em 14 de janeiro de 2018].

Call Center Magazine (2015). *RH Mais inaugura investimento de 1,5 M€*: <http://www.callcentermagazine.net/contact-centers/rh-mais-inaugura-investimento-de-15-me/> [consultado em 19 de janeiro de 2018].

## Anexos<sup>15</sup>



Figura 4: Interiores do Centro Empresarial Lionesa (2015).



Figura 5: Interiores do Centro Empresarial Lionesa (2015).

---

<sup>15</sup> Imagens retiradas de: <http://www.callcentermagazine.net/contact-centers/rh-mais-inaugura-investimento-de-15-me/> (2015) [consultado em 19 de janeiro de 2018].